

A CRIAÇÃO DE ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EDUCOMUNICATIVAS EM ESCOLAS PÚBLICAS

ROBERTA CAVALCANTE DE FRANÇA

Especialista em Teoria da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, linha Educação, Comunicação e Novas Tecnologias. Membro do Grupo Educom Floripa.

E-mail: jornalistarobertafranca@gmail.com

KAMILA REGINA SOUZA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC), linha Educação, Comunicação e Novas Tecnologias. Membro do Grupo Educom Floripa.

E-mail: kamila.brasil@hotmail.com

ADEMILDE SILVEIRA SARTORI

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina

(PPGE/UDESC). Líder do Grupo de Pesquisa Educom Floripa. E-mail:

ademildesartori@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe refletir sobre Educomunicação e Educação Popular a partir de práticas pedagógicas educacionais desenvolvidas por educadores(as) populares do Ceará. Trazemos aqui o resultado do exercício reflexivo de pesquisa em andamento sobre a importância de articular a educação popular ao contexto da educação escolar. Para isso, recorreremos às visões de autores que pensam Educomunicação e Educação Popular solidificando-os em práticas e teorias. Para subsidiar nossas reflexões, utilizamos como objeto de análise a experiência de doze educadores(as) populares que ministraram oficinas de comunicação no projeto chamado Laboratórios de Comunicação Escolar/Projeto Entrelace, em sete escolas públicas de Fortaleza e Região Metropolitana. A partir de fragmentos do conteúdo das entrevistas, apresentamos e refletimos sobre o que eles(as) entendem sobre Educomunicação e Educação Popular e também como compreendem sua prática pedagógica nas oficinas de comunicação que ministraram no referido projeto. Os(as) educadores(as) destacam a importância de suas práticas estarem envolvidas com temas que problematizem o mundo, a sociedade e as questões levadas pelos(as) educandos(as) para ambientes de aprendizagem, como a escola pública.

Palavras chaves: Práticas Pedagógicas Educomunicativas, Educomunicação, Educação Popular. Ecosistemas Comunicativos.

THE CREATION OF COMMUNICATIVE ECOSYSTEM: A CASE STUDY OF POPULAR EDUCATION AND EDUCATIONAL/COMMUNICATIVE PEDAGOGICAL PRACTICES IN PUBLIC SCHOOLS

Abstract

This article proposes to reflect on Educational Communication and Popular Education from educational pedagogical practices developed by popular Ceará educators. We bring here the result of the reflective exercise of ongoing research on the importance of articulating popular education context of school education. For this, we turn to the views of authors who think Educational Communication and Popular Education solidifying them in practices and theories. To support our reflections, we use as object of analysis experience twelve popular educators who taught communication workshops in the project called Communication Laboratory School / Project Interlace in seven public schools in Fortaleza and the metropolitan area. From the content of the interviews fragments, present and we reflect on what they understand about Educommunication and Popular Education as well as understand their practice in communication workshops ministered

in that project. Educators stress the importance of their practices are involved with issues that problematize the world, society and the issues taken by the students for learning environments such as public school.

Keywords: Practices Pedagogies Educomunication. Educommunication. Popular Education. Communicative Ecosystems.

Introdução

A escola que temos hoje, com estrutura, forma e método pensados nos moldes de séculos passados, tem incorporado as tecnologias midiáticas, em suas práticas, mas ainda apresenta muitas falhas na comunicação e nos seus processos de construção de pontes de diálogo entre a comunidade escolar, educandos(as), familiares e sociedade. Ainda é um espaço entendido como de transferência de conhecimento, ainda desconhece seu(a) educando(a) em suas subjetividades e referências exteriores ao contexto escolar, ainda esquece o mundo fora dela, ainda tenta aprender como usar as tecnologias ao seu redor.

As TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) trazidas para a escola, por vezes, servem a um modelo de educação conservador, que inclui novidades em termos de recursos, mas não consegue alcançar uma prática pedagógica que as utilize de forma planejada para a formação de cidadãos conscientes, críticos e ativos socialmente. Muitos autores¹ já se debruçaram em escritas sobre a internet, o computador ou a televisão em sala de aula. Outros escrevem sobre o uso do cinema, da música, do rádio ou do jornal. Mas por que, então, parece tão complicado avançar nas estruturas e nas práticas pedagógicas que ultrapassem a mera inclusão das TIC e se preocupe com a formação de sujeitos conscientes e intervenientes na sociedade?

A resposta a esta pergunta não é simples, não está pronta e nem pretendemos esgotá-la neste artigo. Porém, pretendemos trazer aqui algumas reflexões sobre esta escola que se preocupa em usar as tecnologias em suas práticas, mas que encontra dificuldades básicas de comunicação, sobretudo entre professores(as) e seus(as) alunos(as). Faremos aqui o exercício de refletir sobre a importância de trazer a educação da rua, do povo e dos(as) educandos(as) para o ambiente escolar, por meio de uma prática pedagógica que se preocupa com a comunicação. Na contemporaneidade as práticas socioculturais dos sujeitos são permeadas desde muito cedo pelas referências midiáticas e recursos tecnológicos. Nesse contexto, educadores(as) e estudiosos(as) preocupados com uma

¹ Dentre os quais destacamos Napolitano (2010) e Oliveira (2002).

educação libertadora, precisam estar dispostos a contribuir para o desafio de entender sobre outros ambientes de aprendizado - ou seja, lugares que também existem fora da escola - para elaborar novas formas de aprender e ensinar.

Em nossas discussões relacionamos Educação Popular e Educomunicação, uma vez que demonstram uma preocupação com a valorização dos saberes (re)construídos pelos seres humanos em sua relação uns com os outros e com as referências que possuem cotidianamente em suas práticas socioculturais e, de modo igual, com a formação de seres humanos que entendam a si e ao outro, que entendam o mundo e entendam-se no mundo.

Para ampliar nossas reflexões, trazemos como objeto de análise o projeto Laboratórios de Comunicação Escolar, também conhecido como Projeto Entrelace. A iniciativa é coordenada e executada pela ONG cearense Encine, financiada através de edital público pela Petrobras, realizada em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e as secretarias municipais de educação de Fortaleza, Maracanaú e Maranguape, e da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC). O Entrelace aconteceu em sete escolas públicas, em bairros de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) desde 2009, na sua primeira fase, e se estendeu até 2013, quando encerrou sua segunda fase (2012-2013).

Por meio de laboratórios de comunicação, o Projeto Entrelace promoveu uma interação em rede entre as escolas envolvidas e, além disso, ministrou uma formação específica em Educomunicação para professores(as) e alunos(as) dos colégios participantes. Os(as) professores(as) das sete escolas receberam formação em Educomunicação oferecido pela Encine e pela UFC. O curso teve o objetivo de ajudá-los(as) a trabalhar prevendo o máximo de possibilidades educativas que um laboratório de comunicação pode oferecer para as suas práticas pedagógicas. Concomitantemente, os(as) alunos(as) destas mesmas escolas também recebiam formações dentro dos Laboratórios de Comunicação Escolar, em diversos temas e linguagens que uniam oficinas de conteúdo para Internet, fanzine, web rádio, fotografia e vídeo. A formação dada aos(as) educandos(as) foi ministrada por educadores(as) populares ligados(as) a ONG Encine.

A ONG estimulou a criação de ecossistemas comunicativos nas sete escolas de Fortaleza e Região Metropolitana, além de colocar em rede sete Laboratórios de Comunicação Escolar. A segunda parte do projeto funcionou entre os anos de 2012 e 2013, com cerca de 100 estudantes e 30 professores(as) de escolas públicas, em bairros de menor

IDH. O objetivo do projeto, além de implantar um laboratório com equipamentos de fotografia, rádio, computador, internet, material de som, luz e vídeo, assim como fortalecer a comunicação como um direito humano, numa iniciativa que acontece dentro da escola.

Este artigo traz reflexões parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, a qual nasceu da vontade de buscar entender que tipos de experiências levavam um educador popular - profissional identificado com bastante frequência, sobretudo nas instituições dos movimentos populares - a construir suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, buscamos compreender de que maneira as experiências dos(as) educadores(as) populares do projeto Entrelace interferem nas suas oficinas de comunicação, realizadas no período de 2012 e 2013.

Em sua estrutura, o presente artigo apresenta primeiramente a Educomunicação e seus princípios norteadores, bem como uma discussão sobre o conceito de práticas pedagógicas educacionais. Em sequência, dialogamos sobre Educação Popular e a atuação dos(as) educadores(as) populares do Projeto Entrelace, dando-lhes voz quanto ao seu entendimento sobre Educomunicação, Educação Popular e sua prática pedagógica desenvolvida nas oficinas dos Laboratórios de Comunicação Escolar.

A Educomunicação

Comunicación es una calle ancha y abierta que amo transitar. Se cruza con compromiso y hace esquina con comunidad. (Mario Kaplún)

A Educomunicação vem se constituindo na inter-relação entre a Educação e a Comunicação, e se fortalecendo como um campo de estudos acadêmicos e de práticas sociais na América Latina. Vários autores, debruçam-se sobre a relação entre a Comunicação e a Educação, como Mário Kaplún (1998), Paulo Freire (2005), Ademilde Sartori (2012), Heloísa Penteado (1998), Maria Cristina Castilho Costa (2009), Jesús Martín-Barbero (2014), Adilson Citelli (2011), Ismar de Oliveira Soares (2011), Guillermo Orozco Gómez (2014), Maria Isabel Orofino (2005), José Marques de Melo (2010), dentre outros.

Para configurar a Educomunicação como um campo de estudos, nos baseamos no conceito defendido por Bourdieu (2001, p.122), ao afirmar: “[...] cada universo erudito possui sua doxa específica, conjunto de pressupostos inseparavelmente cognitivos e avaliativos cuja aceitação é inerente à própria pertinência”. Identificam, assim, vários

campos como o: científico, jornalístico, literário, artístico, cada um consiste em uma institucionalização de um ponto de vista, “[...] um conjunto de pressupostos e de crenças partilhadas [...] inscritas em certo sistema de categorias de pensamento” (BOURDIEU, 1997, p. 67). Ao contemplar uma determinada problemática, um campo é:

[...] um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em conseqüência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Reconhecemos um conjunto de crenças e pressupostos partilhados pela Comunicação e pela Educação que pode ser caracterizado como um campo, uma vez que:

[...] é o lugar de um regime de racionalidade instituído sob a forma de constrangimentos racionais os quais, objetivados e manifestados numa certa estrutura da troca social, encontram a cumplicidade imediata das disposições adquiridas pelos pesquisadores, em ampla medida por conta da experiência das disciplinas da cidadela científica (BOURDIEU, 2001, p. 137).

As pesquisas em Educomunicação são destacadas no trabalho de Claudio Messias² que desenvolveu sua pesquisa de mestrado³ tomando como base as publicações brasileiras sobre o campo que constavam no banco de dados dos congressos anuais da comunicação⁴ e da educação⁵. Dos 13 anos (1994 a 2007) observados⁶ na pesquisa de Messias (2011, p.216), o emprego da palavra Educomunicação em títulos, palavras-chaves, resumos e/ou textos completos é feito 22 vezes, em 7 anos. Dos anos analisados, o de 2002 é aquele que traz um salto no número de publicações, passa de apenas um texto publicado para cinco. Em 2005, foi o ano de mais textos publicados, foram 6 ao todo, segundo o estudo.

²MESSIAS, Cláudio. Duas décadas de educomunicação: da crítica ao espetáculo / Cláudio Messias – São Paulo: C. Messias, 2011. 240 p

³A pesquisa foi orientada pelo professor Ismar de Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado de São Paulo (USP).

⁴Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).

⁵Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

⁶Esses dados incidem sobre os volumes das revistas acessíveis na *internet*, através do endereço eletrônico <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc>, segundo informado pelo próprio autor.

Quem primeiro publicou o termo Educomunicação foi Ismar de Oliveira Soares, em 1998⁷, a partir do termo “educador”, cunhado por Mário Kaplún, em 1980, para designar quem desenvolve práticas que inter-relacionam Educação e Comunicação. Segundo Soares (2011, p. 36), a Educomunicação é um campo de intervenção social formado por

[...] ações de natureza diversificada (no campo da gestão de processos comunicativos; da expressão estética; do uso das tecnologias nos espaços educativos; da pedagogia da recepção, entre outras), articuladas com base em uma dada intencionalidade comunicativa.

Tais ações, para o autor, estão voltadas ao desenvolvimento de práticas que visam a criação e o fortalecimento de ecossistemas comunicativos nos espaços educativos. Isso implica que educadores(as) e gestores(as) da educação estejam envolvidos(as) com o processo comunicativo, buscando formas de estabelecer uma comunicação dialógica junto aos(as) educandos(as) e à sociedade, promovendo a formação cidadã, crítica e consciente. Esta comunicação a que Soares se refere não é somente aquela realizada por meio de tecnologias ou empresas de comunicação, mas, também aquela que se dá diretamente entre seres humanos.

Paulo Freire (2005), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, fala da comunicação como expressão do mundo. Martín-Barbero (2014) destaca a importância de Paulo Freire para o que ele considera a primeira teoria latino-americana de comunicação:

Ao mesmo tempo que vinculou o sentido da comunicação à geração de uma linguagem capaz de nomear o próprio mundo, Freire colocou esse projeto no mundo [...] não só tematizou práticas e processos comunicativos desses países como também levou a América Latina a se comunicar consigo mesma e com o resto do mundo (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.13).

Desde sua obra “Expressão ou Comunicação?”, Freire (1979, p. 69) fala da relação entre educação e diálogo: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de interlocutores que buscam a significação dos significados”. E, diálogo de interlocutores, essa comunicação, acontece mediado pelo mundo e que, portanto, nos constitui como sujeitos, participa intrinsecamente de nosso processo educativo.

⁷Publicado no Congresso Nacional da Intercom, no Rio de Janeiro, com o artigo “Educomunicação: a Emergência do Campo da Inter-relação Comunicação/Educação” (MESSIAS, 2011).

Ainda sobre as contribuições latino-americanas na Comunicação, o argentino Mário Kaplún foi um pensador que vivenciou e analisou em seus escritos a comunicação como meio de participação popular, ampliando os horizontes desta prática. Para ele, os comunicadores devem desenvolver uma pedagogia da comunicação, com a qual é possível construir processos de comunicação democráticos e participativos.

No se trata entonces de imitar o reproducir acriticamente el modelo de los medios masivos hegemónicos. Estamos en busca de “otra” comunicación: participativa, problematizadora, personalizante, interpelante. Para lo cual también necesita lograr eficacia. Pero a partir de otros principios y hasta con otras técnicas (KAPLÚN, 1998, p. 13)

Para Kaplún (1998), o modelo de comunicação baseado em emissor-mensagem-receptor reforça o que ele chama de “comunicação bancária”, inspirado no pensamento de Paulo Freire. Um modelo que não permite diálogo, onde apenas o receptor, no caso o comunicador (ou o profissional da comunicação), detém o poder da fala e o receptor apenas ouve, vê e lê, sem poder de participação e interação. Kaplún (1995) considera que uma “comunicação dominadora”, que se faz monóloga, vertical, que detém o poder, é unilateral, concentrada em minorias e monopolizada vai totalmente de encontro a uma “comunicação democrática”, centrada no diálogo, na comunidade, pois este é horizontal, de duas vias e participativo.

Los hombres y los pueblos de hoy se niegan a seguir siendo receptores pasivos y ejecutores de órdenes. Sienten la necesidad y exigen el derecho de participar, de ser actores, protagonistas, en la construcción de la nueva sociedad auténticamente democrática. Así como reclaman justicia, igualdad, el derecho a la salud, el derecho a la educación, etc., reclaman también su derecho a la participación. Y, por tanto, a la comunicación. Los sectores populares no quieren seguir siendo meros oyentes; quieren hablar ellos también y ser escuchados. Pasar a ser interlocutores. Junto a la ‘comunicación’ de los grandes medios, concentrada en manos de unos pocos grupos de poder, comienza a abrirse paso una comunicación de base; una comunicación comunitaria, democrática. [...] Definir qué entendemos por comunicación, equivale a decir en qué clase de sociedad queremos vivir (KAPLÚN, 1995, p. 54).

Em entrevista a Arenas (2012, p. 12), Gabriel Kaplún, filho de Mário Kaplún, fala sobre as relações que podem ser encontradas entre comunicação e educação e afirma:

[...] hay tanto investigación como prácticas que apuntan a pensar y mirar las comunicaciones entre personas como uno de los centros del problema educativo; la relación maestro-estudiante, la relación entre estudiantes y

la relación con el medio social, son problemas de comunicación también, me parece que ahí se abrió otra tercera área de ese campo tan rico que se fue abriendo.

Para ele, nos últimos anos passou a se intensificar a ideia que todo espaço educativo é um espaço também de comunicação.

Nesse sentido, para potencializar uma comunicação participativa e dialógica, a comunidade escolar precisa valorizar e problematizar o que os(as) educandos(as) tem a dizer sobre sua vivência sociocultural e ir ao encontro da construção de uma sociedade democrática e criticamente ativa. Tal ideia segue os princípios da Educomunicação que se pauta na busca pelo estabelecimento de ecossistemas comunicativos no contexto educacional e, conseqüentemente, é contrária à ideia de uma lógica “bancária”.

Para além de compreender a realidade dos(as) educandos(as) e a importância da construção de uma educação pelos, com e para os(as) oprimidos(as), a Educomunicação utiliza as mídias como ferramenta e dispositivo, dado o papel estratégico que jogam na cultura, valoriza processos de diálogo entre os sujeitos, incentiva a produção de conteúdos, auxilia no desenvolvimento de um olhar crítico para os veículos de comunicação e, sobretudo, para o mundo.

Uma das questões que se coloca é: como a Educação Popular e a Educomunicação podem ajudar a refletir sobre o mundo midiático e comunicativo que temos? Ou seja, com este acesso intenso às mídias, como desenvolver práticas pedagógicas educacionais comunicativas?

Nós somos seres aprendentes. As referências que dispomos em nosso cotidiano (família, escola, religião, brincadeiras, TV, rádio, redes sociais, comunidade etc.) nos trazem elementos que possibilitam nossa socialização com o outro, participam da forma como (re)construímos nossos conhecimentos e entendimento de mundo. Por isso, Sartori (2012, p. 83) nos diz que é preciso fortalecer processos de construção de ecossistemas comunicativos: “Um ecossistema comunicativo é, afinal, um conjunto de mediações que torna possível a construção e circulação de significados”.

Se for verdade que a escola possui um papel privilegiado na socialização e construção de conhecimentos dos sujeitos que nela frequentam, por mais polêmico que se possa considerar, no contexto contemporâneo, as TIC também exercem o papel de formadoras. Nesse sentido, Orozco-Gómez (2014) faz a seguinte reflexão acerca do ensino, da aprendizagem e do papel monopolizador da educação que a escola vem desempenhando no processo de ensino e aprendizagem:

[...] O ensino é restrito, a aprendizagem é aberta, quase interminável. O aprender não depende unicamente do ensinar, pois se aprende de muitas maneiras: pela descoberta, pela tentativa e pelo erro, tanto ou mais do que como o resultado de algum ensinamento. A escola, que se apropriou da hegemonia por meio da instrução, opõe-se a que outras instituições também promovam o educativo. É preciso romper esse monopólio e a crença generalizada de que educação só tem a ver com o escolar (OROZCO-GÓMEZ, 2014, p. 25).

O autor traz os meios de comunicação de massa, as tecnologias e as redes sociais como exemplos de instituições de promoção de educação que, mesmo “sem reconhecer-se educadores(as), estão educando” (OROZCO-GÓMEZ, 2014, p. 25), embora em meio a uma polêmica sobre o produto do resultado dessa educação. O fato é que assim como os meios de comunicação educam à sua maneira e a seu tempo, é preciso considerar que as pessoas também se educam à sua maneira e a seu tempo.

O *modus operandi e comunicandi* dos sujeitos contemporâneos são permeados cotidianamente pelas referências midiáticas, ou seja, a escola não é única referência, ela divide espaço com outras formas de (re)construção de conhecimentos e de socialização. Por isso, os ecossistemas comunicativos podem ser potencializados também (mas, não apenas) pela inclusão destas referências nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos(as) educadores(as) dentro das salas de aula, desde que, estes (as) educadores(as) tenham a intenção e condições de estabelecer uma comunicação dialógica e participativa com seus(as) educandos(as) e não apenas se escorem na mera utilização de novidades tecnológicas.

Soares (2009) traz essa discussão em seu artigo “Uma educomunicação para a cidadania”, no qual cita a professora da Universidade Paris 8 (Sorbone), Geneviève Jacquinet, que defende com relação ao saber midiático e ao saber escolar, que os professores(as) e as professoras são tentados(as) a tomar posições extremas: ou ignoram a influência das empresas de comunicação, permanecendo com uma tradição escolar arcaica; ou levam os meios de comunicação à escola “para atingir seus objetivos pedagógicos, esquecendo-se contudo, de trabalhar sobre os meios e suas mensagens” ou ainda criam cursos especializados em “educação para os meios”, sem que mudem outras práticas escolares. Sobre essa situação, Jacquinet aponta uma saída: a Educomunicação. Mas, para que ela ocorra, os(as) professores(as) e as escolas devem ousar e ir além da sala de aula como único lugar de aprendizagem, pois, “este não é um professor conferencista

especialista em educação para a mídia, é um professor do século 21, que integra diferentes mídias em suas práticas de ensino” (JACQUINOT, 2004, p. 47).

Considerando a força das referências midiáticas em nossas práticas socioculturais cotidianas na contemporaneidade, Sartori e Souza (2012) apresentam as Práticas Pedagógicas Educomunicativas como uma possibilidade para pensar a educação escolar. Esse tipo de prática, para as autoras (2012, p.35) busca: “uma relação mais ativa e criativa dos sujeitos em relação às referências midiáticas a que tem acesso, isto é, potencializam os ecossistemas comunicativos entre todos os envolvidos no processo educativo”. Ou seja, é preciso haver uma relação entre aqueles(as) envolvidos(as) nas práticas pedagógicas, educadores(as) e educandos(as). Relação esta que requer comunicação, envolvimento, diálogo, compromisso.

Souza (2013, p.198) traz uma sistematização do que seria uma Prática Pedagógica Educomunicativa em cinco pontos. São eles:

1. Considera as particularidades desta contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;
2. Estabelece um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;
3. Amplia as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, família e sociedade);
4. Preocupa-se com o uso pedagógico de recursos tecnológicos e midiáticos;
Favorece uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida.

Esta sistematização torna-se importante, sobretudo quando os estudos da Educomunicação cada vez mais tomam forma e suas práticas avançam para empresas, escolas e instituições sindicais, não-governamentais e outros ambientes não-formais de educação.

Entendemos o termo Educomunicação como um grande 'guarda-chuva' envolvendo os processos educativos e comunicativos no contexto contemporâneo marcado pela forte influência das mídias. Os cinco pontos identificados por Souza, apresentam a mídia como um dos elementos deste 'guarda-chuva', mas não as colocam como elemento principal. Mais do que focar nas mídias ou nos recursos tecnológicos, sua preocupação está no diálogo, que pode se dar com a participação das mídias ou por causa dela. Tal questão é reforçada pela autora (2013, p. 199) quando em seu estudo percebe que professoras e

auxiliares da educação infantil deixam de tratar de temas que emergiam dos conteúdos de desenhos animados assistidos junto às crianças (como sexualidade, gênero, papéis sociais, relações de poder, violência, consumo, entre outros) ⁸.

Das discussões que emergem nos cinco pontos trazidos por Souza (2013) para problematizar o que é uma prática pedagógica educomunicativa, destacamos o que está relacionado com os processos comunicativos e educativos. Quando a autora fala de uma ampliação das possibilidades comunicativas no processo educativo, as questões referentes à Comunicação tornam-se mais abrangentes do que as referências midiáticas, do que qualquer recurso tecnológico. Nesse sentido, entendemos que as produções de programas de rádio, fanzines, vídeos, fotografias, entre outras, se propõem de maneira crítica, criativa e dialogicamente pelos(as) professores(as), junto aos seus(as) educandos(as), podem se configurar como uma forma de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos no espaço escolar. Não são as TIC que determinam que isso aconteça, mas a intencionalidade da sua prática pedagógica. Ao falarmos de Comunicação, tratamos da nossa relação com o outro, nossa necessidade emergente de comunicar o que pensamos e de ouvir também, além de falar. Por isso, uma Prática Pedagógica Educomunicativa, para Souza (2013), auxilia no favorecimento de uma relação que vai além do comunicar-se, mas que tenhamos condições de nos expressar ativa e criativamente, de forma consciente e crítica sobre nossa relação com as coisas do mundo.

A Educação Popular

*Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazer e o sofrimento
De um poeta camponês.
(Patativa do Assaré)*

Patativa do Assaré, poeta de educação formal frágil, se refere na epígrafe acima à universidade e à linguagem culta fazendo uma reverência às instâncias formais de

⁸Estudo realizado no ano de 2012 numa instituição de Educação Infantil localizada na região continental de Florianópolis - Santa Catarina, no âmbito do mestrado em Educação da Unversidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

sabedoria. No entanto, pede licença para contar - à sua maneira - sua história. Ao fazer isso em formato de poesia matuta, Patativa rompe com as barreiras formais de linguagem e da comunicação escrita. Mesmo considerando que a poesia pertence ao erudito, o homem simples de Assaré-Ce contraria e não deixa de rimar as histórias que viu na vida.

A Educomunicação está dentro da Educação Popular, nasceu a partir dela, nos movimentos sociais da sociedade civil, por isso se inter-relacionam. É aquela que está dentro e, principalmente, fora da escola valorizando a cultura e as histórias das pessoas, sobretudo os oprimidos, como dizia Paulo Freire.

Martín-Barbero (2014) infere:

[...] a escola salva apenas uma minoria e em contrapartida continua a ensinar que aquele que chega mais longe nos estudos tem direito a mais dinheiro, mais privilégios, uma posição social melhor, continua estigmatizando o rebelde, que tem muita imaginação, o criador, fabricando esse homem-série que nunca vai além dos modelos estabelecidos e cuja máxima aspiração é *adaptar-se*. [...] maior carga de injustiça está onde o direito à escola é identificado com o direito à palavra e onde esse direito continua sendo desfrutado por poucos. A cultura escolar prolonga *a cultura do silêncio* [...] (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 25 – grifos do autor).

Para Brandão (2006), na escola, o saber é ensinado como segredo. Diferente da rua, onde o conhecimento está à solta e sem forma pré-estabelecida; é a cultura do povo que divide sua sabedoria.

A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se 'sábio e erudito'; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como 'popular' o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, 'erudito', tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, 'popular', restou difuso — não centralizado em uma agência de especialistas ou em um polo separado de poder — no interior da vida subalterna da sociedade (BRANDÃO, 2006, p. 15).

A Educação Popular, como é possível perceber na citação acima, não se propõe ser um modelo mais avançado de educação. Ela pretende ser uma “retotalização de todo o projeto educativo, desde um ponto de vista popular” (BRANDÃO, 2006, p.42). E, claro, não se tem um ponto de vista popular sem trabalhar com os educandos(as), a partir da sua

perspectiva, sejam eles crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos. Educação Popular é mais que a educação fora da escola ou a educação de jovens e adultos. Conforme Freire (1979), ela não é - e nem pode ser - apenas um conhecimento repassado para operários, camponeses, moradores de periferias, analfabetos, como faziam os “extensionistas”. Uma educação verdadeiramente popular “vincula-se organicamente com a possibilidade de criação de um saber popular” (BRANDÃO, 2006, p. 48).

A Educação Popular defendida por Paulo Freire - um dos pensadores que mais contribuiu para o fortalecimento desta modalidade educativa - é libertadora e construída pelos, com e para os oprimidos. Para ele, uma “pedagogia do oprimido” (2005) deve fazer da opressão um objeto de reflexão, passo importante no processo para libertar-se do opressor. Ainda para o educador, a dificuldade é fazer com que os oprimidos que hospedam o opressor em si possam participar deste processo de libertação. Uma educação que leva em conta os processos de aprendizagem tanto dos(as) educadores(as), como dos(as) educandos(as), não nega os conhecimentos trazidos pelos(as) estudantes e aproxima os ambientes de educação daqueles que estariam lá apenas para aprender.

Há muitas histórias que se passam na relação entre Educação Popular e Educomunicação. Histórias de professores(as) das escolas ou de educadores(as) populares(as) que participaram do Entrelace. No entanto, optamos por falar sobre um educando que nos ajudará a entender sobre as práticas educomunicativas. Um(a) dos(as) participantes do Entrelace era um jovem cadeirante que respirava e falava com certa dificuldade, devido a sua deficiência e timidez. Preferia sempre ouvir e anotar o que os(as) educadores(as) das oficinas de comunicação discutiam. Uma das aulas sobre webrádio tinha como proposta elaborar um roteiro de rádio-novela, para que todos pudessem criar uma história, escrevê-la, interpretá-la e gravá-la. O exercício exigia concentração e criatividade. O menino, normalmente tímido demais para estes exercícios em sala, a partir do estímulo da turma, resolveu que era sua vez de tentar. Todos trabalharam para que o colega pudesse gravar sua participação da melhor forma possível. Devido sua dificuldade com a respiração, os(as) educandos(as), junto com a educadora, fizeram adaptações no texto, transformaram as frases em períodos curtos e o final da gravação foi um sucesso. O menino protagonizou o narrador da primeira rádio-novela gravada naquele laboratório e, quiçá, daquela escola. Seu rosto estampava alegria de quem tinha conseguido dar sua voz a um personagem do rádio. Todos(as) trabalharam juntos(as) pensando a história:

escreveram, gravaram e editaram-na; desenvolveram, várias capacidades técnicas - escrita de texto, uso de regras gramaticais, uso de um programa de edição, manuseio do gravador de voz, computador - e intelectuais - trabalho em equipe, cuidado com o outro, valorização da própria voz e dos colegas; além de criatividade, ao recriar cenas do cotidiano.

Educadores(as) populares e a experiência do Projeto Entrelace

Ninguém educa ninguém, nem tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.
(Paulo Freire)

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2005), como na epígrafe acima, afirma que não há educação sem a comunhão de pessoas e conhecimentos. Para fugir da “educação bancária”, é preciso que educadores(as) sejam mais do que pessoas detentoras de conhecimento, mas aquelas que estejam dispostas a estimular, instigar, envolver, problematizar com os(as) educandos(as). Os(as) educadores(as) populares do Projeto Entrelace formaram-se em meio ao fazer prático dos processos de educação não-formal, no contato com movimentos sociais organizados, na inquietação causada por suas leituras do mundo, em movimentos da sociedade civil organizada, em sindicatos, associações, movimentos de igrejas. É aí que surge o educador, um comunicador/educador popular preocupado em ir além da produção de conteúdo e da habilidade com as tecnologias, mas em trazer a comunicação para próximo das discussões sociais, problematizando as injustiças do mundo e auxiliando num processo de educação emancipatória, tudo isso dentro de um ecossistema comunicativo.

Apresentamos os primeiros dados coletados em entrevistas semiestruturadas⁹ realizadas com doze educadores(as) - nove mulheres e três homens - educadores(as) populares do Ceará que trabalharam no projeto Entrelace e cujos nomes foram substituídos por pseudônimos. A pesquisa se configura como um estudo de caso de abordagem qualitativa cujo objetivo central é entender a prática pedagógica dos(as) educadores(as) populares das oficinas de comunicação realizadas no projeto Entrelace, entre os anos de 2012 e 2013. Buscamos compreender de que maneira as “experiências” desses(as) educadores(as) interferem nas suas oficinas de comunicação. Para isso, adotamos como

⁹As entrevistas foram realizadas presencialmente em Fortaleza e fazem parte da pesquisa de mestrado em andamento de uma das autoras deste artigo.

procedimentos metodológicos entrevistas semiestruturadas, analisadas por meio de uma análise de conteúdo.

Das questões colocadas nas entrevistas, destacamos aqui três pontos que nos ajudarão a avançar na reflexão proposta neste artigo: “Como você acha que deve ser um educador?”; “Você se considera um educador?” e “Pelo que você conhece de Educação Popular e de Educação, há uma relação entre elas?”.

Das doze pessoas entrevistadas, cinco afirmaram com segurança que se consideram educadoras, quatro pessoas disseram que acham que sim, pelo menos quando estão atuando nas oficinas de comunicação, e outras quatro apresentaram dúvidas ou que nunca haviam pensado nisso.

Perguntadas(os) como consideram que deve ser um educador, todos afirmaram que deve ser necessário para seu ofício saber manusear as técnicas, ser curioso, democrático, próximo das demandas da comunidade, ser aberto ao debate, ter sensibilidade, saber ouvir os(as) educandos(as), como afirma um dos entrevistados: que o educador “não vá só com as ferramentas prontas ou só leve as ferramentas, mas que construa essas possibilidades” (entrevistado João).

Mariana, outra educadora entrevistada, afirma:

Eu acho que a primeira coisa é sensibilidade, né? Acho que quando você se volta pra pautas dos movimentos sociais, da comunidade, você é tocado pra aquilo. Não só sentido espiritual e tal (risos), mas no sentido de ter sensibilidade, que eu vivo num contexto de sociedade que é excludente que é potencialmente classificadora, que tem estereótipos, que tem uma juventude que sofre com essas mazelas sociais. E aí eu acho que quando a gente se envolve pra dar oficinas, pra fazer determinadas coisas, a gente se volta por afinidade.

Das respostas obtidas para a pergunta sobre a relação entre Educação Popular e Educação, todos os doze entrevistados de uma maneira geral, nos deram respostas parecidas. Os(as) educadores(as) enfatizam que a Educação Popular valoriza as histórias de vida e as experiências dos(as) educandos(as), enquanto a escola de ensino formal, algumas vezes, não o faz. A Educação, portanto, inserida neste ambiente de valorização do ser humano, realiza um trabalho valioso para a construção da cidadania dos(as) educandos(as), segundo as(os) entrevistadas(os).

Uma das entrevistadas ponderou que sim, as duas áreas têm relação, mas que podem não ter, a depender do(a) educador(a). Para ela, Educação e Educação

Popular não caminham juntas quando os(as) educadores(as) “utilizam a Educomunicação apenas como faces tecnológicas” (entrevistada Joana). Ou seja, para a entrevistada, a utilização das TIC não podem ser acrescentadas à metodologia de uma aula sem que haja um diálogo e uma intenção educativa e emancipatória, que vai além da utilização da tecnologia, por si só, apenas como aparato técnico ou de passa-tempo. As práticas pedagógicas desenvolvidas pelos(as) educadores(as) junto aos(as) educandos(as) nas oficinas de Educomunicação contavam com um laboratório equipado com diversos recursos tecnológicos como câmeras de filmagem e fotografia, computadores com acesso a internet, projetores de imagem, mesas de som, microfones, gravadores de voz. No entanto, para além disso, contava com uma proposta educativa e com educadores(as) populares que entendiam a importância de se ultrapassar o mero uso desses recursos, que se preocupavam com a formação de um cidadão consciente, crítico, criativo e interveniente no mundo. Por isso, consideramos que as práticas pedagógicas destes(as) educadores(as) são educativas e estão ligadas às práticas da educação popular, construídas e desenvolvidas no seu fazer diário, pois valorizam os saberes dos(as) educandos(as), ajudam a desenvolverem sua criticidade, criatividade, trabalho em grupo, dentre outras habilidades como escrita, fala, imaginação.

Outra educadora conta que quando é dada autonomia para os(as) educandos(as), eles mesmos se surpreendem. “Eles se sentem aptos a escrever e divulgar o que normalmente eles não têm espaço para isso. A voz se contextualiza nas produções” (entrevistada Joana).

Ainda para as(os) entrevistadas(os), a Educomunicação tem a possibilidade de valorizar e divulgar o cotidiano e a realidade dos(as) educandos(as), por meio de instrumentos como o fanzine as mídias móveis internet, rádio. Para Gonçalo, outro educador entrevistado, a Educomunicação e a Educação Popular se aproximam:

Pra mim, a educação popular é algo que dialoga dentro do contexto popular, dentro daquela comunidade. E aí eu acho que a educomunicação funciona quando ela consegue pegar esse contexto popular de comunidade e desenvolver uma metodologia e se inserir nessa comunidade com essa metodologia que é própria deles. Ta entendendo? Percebendo quais as coisas deles.

O Entrelace conseguiu reunir práticas pedagógicas educativas e Educação Popular, servindo assim como exemplo de uma experiência interessante e significativa.

Durante as entrevistas, ouvimos muitas falas tecerem críticas ao modelo de escola conservadora e à educação formal, acusando-as de não darem ouvidos a seus(as) educandos(as) e por não conseguirem construir um ecossistema comunicativo que possibilitasse uma comunicação em rede e participativa, com toda a comunidade escolar e outras escolas da região. Ouvimos, também, que experiências assim, com a Educomunicação e suas práticas pedagógicas, conseguem movimentar a escola, auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem, além de fazer todo o corpo escolar olhar para o que acontece fora dos portões, para onde todos vão quando o sino toca.

Quando um(a) professor(a) inclui as TIC em sua prática pedagógica, acompanhada dessa inclusão estará sempre a intencionalidade desse(a) professor(a). A prática pedagógica não é neutra, nela estão intrínsecos ‘o tipo de aluno(a)’ que se quer formar, ‘como’ se pretende formar e ‘para quê/quem’ se quer formar. Não depende dos recursos tecnológicos que se adota na elaboração das práticas, nem se adota ou não algum recurso tecnológico, mas depende dos paradigmas que estão por trás do sujeito que elabora as práticas. O(a) educador(a) que trabalha na perspectiva das práticas pedagógicas educacionais assume a seguinte posição: contribuir para a formação de um(a) educando(a) que tenha consciência de si e do mundo; possibilitar situações educativas que ampliem seu repertório cultural, artístico, científico, bem como a sua capacidade expressiva, crítica e criativa; visa a criação e ampliação de um ecossistema comunicativo emancipatório que garanta uma comunicação negociada e gerenciada que leve em consideração o diálogo entre todos os atores de um ambiente de aprendizagem, bem como estimular o uso democrático das tecnologias.

Considerações finais

Nossa contemporaneidade vive um paradoxo em termos de educação escolar: é sustentada em arquitetura, métodos e práticas de outros séculos e é, ao mesmo tempo, desafiada pelos constantes avanços tecnológicos. Tais avanços possibilitam, de forma mais contundente, aquilo que sempre existiu para além dos muros da escola, o reconhecimento da existência de outros espaços de construção de conhecimentos.

A prática pedagógica educacional traz para a sala de aula, para as rodas de conversa e para as oficinas realizadas por educadores(as) populares, a utilização e a reflexão sobre as mais diversas mídias, apresentando um mundo de intervenção social e

política. Porém, pouco ainda se reflete sobre a Educomunicação produzida nos espaços de Educação Popular, realizada por muitas instituições tanto governamentais quanto civis.

Embora as questões apresentadas aqui sejam ainda iniciais, já é possível identificar dados relevantes quanto às questões relativas ao papel do(a) educador(a) no seu fazer educativo; a importância das discussões acerca da utilização das TIC para o processo de emancipação dos(as) educandos(as) das escolas públicas participantes do projeto; a relevância da problematização de questões sobre democratização da comunicação, direitos humanos, meio ambiente, cidadania; a importância do envolvimento de professores(as), educandos(as) e corpo gestor da escola, para o fortalecimento do ecossistema comunicativo do ambiente escolar; e ainda é provável que outras questões venham à tona durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Até o presente momento, as primeiras análises de dados do projeto Entrelace nos mostraram que ele ajudou as escolas participantes a criarem um ecossistema comunicativo, pois:

1. contribuiu para que as escolas participantes pudessem ter no Laboratório de Comunicação Escolar, um espaço específico e fixo destinado às produções de conteúdo para fanzines, programas de rádio, fotografias, vídeos para internet, dentre outras linguagens, utilizando equipamentos adequados, isto é, um espaço que servisse de referência para toda a escola, já que mesmo com o final do projeto, os equipamentos e toda a estrutura dos laboratórios permaneceram nas escolas;
2. através das oficinas de educomunicação ministradas pelos(as) educadores(as) populares, os(as) educandos(as) puderam olhar para os meios de comunicação de maneira mais próxima, sabendo que também poderiam produzir e veicular conteúdos sobre o seu bairro e temas de seus interesses, com sua identidade e a identidade da sua escola, ampliando seu entendimento sobre o uso crítico da mídia, direitos humanos, direito à comunicação, dentre outros;
3. aproximou os(as) educandos(as) de linguagens como de rádio-novela, vídeo para internet (realizados com mídias móveis)¹⁰, elaboração de textos em

¹⁰Mídias móveis se configuram como: câmeras filmadoras e fotográficas amadoras, celulares, *smartphones*, *tablets*.

formatos não-lineares, utilização de tecnologias que uniam o formato gráfico de redes sociais com o papel dobrado dos fanzines etc., com isso, estimulando a criatividade, apresentando outras formas de ver e usar as mídias;

4. os(as) professores(as) participantes do projeto - e também aqueles que não estavam inseridos diretamente na iniciativa - tiveram a oportunidade de usar os espaços e as ferramentas dos laboratórios para utilizar em suas práticas pedagógicas, seja estimulando a produção de conteúdo e/ou de debates;
5. em algumas escolas, os(as) educandos(as) tinham total autonomia para cuidar dos equipamentos, do espaço físico e dos momentos de uso coletivo dos laboratórios; o tempo de utilização, em alguns casos, ficava a critério deles(as), fosse no recreio, fosse no contraturno das aulas, auxiliando no processo de educação emancipatória de cada um que se envolveu na iniciativa;
6. a participação das gestões das escolas procuraram aprender a utilizar os equipamentos que chegaram às escolas de forma mais dinâmica e democrática, sem o apego exacerbado de quem nunca pode ter aquele tipo de tecnologia para uso coletivo em seu ambiente de trabalho.

Observamos que iniciativas como estas, em que foi possível trabalhar com práticas pedagógicas pautadas na perspectiva da Educomunicação e da Educação Popular, ajudaram a transformar positivamente o ecossistema comunicativo entre o corpo gestor da escola, os(as) educadores(as), a comunidade do entorno, os educandos(as) e até, quem sabe, as suas famílias.

Esta proposta vai ao encontro da proposta de prática pedagógica educ comunicativa, a qual Sartori e Souza (2012) definem como um tipo de prática que não está limitada ao uso das TIC no fazer educativo, mas principalmente, pauta-se na potencialização de uma comunicação dialógica entre todos os sujeitos desse processo. Entendemos a Educomunicação como um conjunto de ações educativas capazes de contribuir para uma comunicação dialógica, para ampliar as possibilidades de expressão, promover a cidadania, favorecer uma relação mais ativa e criativa dos sujeitos diante das coisas do mundo.

A integração das mídias na prática pedagógica precisa visar a construção de um ecossistema comunicativo que permita que dialoguemos, de maneira analítica e crítica, também com a realidade que está fora do ambiente de aprendizagem da escola, mas que o

atravessa; que nos permita pensar sobre nossa realidade local a qual, muitas vezes, não aparece nas discussões pautadas pela escola ou pelos veículos de comunicação. A partir desta realidade, podemos criar uma música, um vídeo ou um programa de rádio, uma peça de teatro, um fanzine. Um ecossistema comunicativo nos permite ir além, nos permite criar histórias de ficção - seja ela científica ou não -, permite discutir temas tabus e fazer deles assuntos abordados em uma linguagem nova. Permite experimentar, ousar, nos permite conversar não só sobre assuntos novos nos ambientes de aprendizagem, mas também nos permite conversar com pessoas que nunca ouvimos, sobre coisas que nem imaginamos, criar pontes de diálogos entre as culturas de educandos(as) e educadores(as). Para que um ecossistema comunicativo exista, é preciso que se tenha em mente o desenvolvimento de uma prática diferenciada, uma prática pedagógica pautada numa comunicação dialógica.

Por fim, a Educação Popular e a Educomunicação andam juntas, na medida em que se preocupam com a produção de um saber popular e com o reconhecimento desse saber como algo legítimo; compartilham concepções semelhantes de ser humano, de mundo e de ser humano no mundo. Assim, as práticas pedagógicas educacionais estão no cerne de discussões ainda necessárias para alavancar o processo de reflexão e ação que a educação escolar contemporânea anseia.

Referências

ARENAS, Arturo Fernández. **Educomunicación, ciudadanía y medios escolares**: entrevista con cinco investigadores latinoamericanos. Universidad Santiago de Cali, 2012. Disponível em: <<http://revistas.usc.edu.co/index.php/Contextos/article/view/34/29#.VV-ePblViko>>. Acesso em: jul./2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CITELLI, Adílson Odair, COSTA; Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação**: Cosntruindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Gestão da Comunicação**. Projetos de Intervenção. São Paulo: Paulinas, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JAQUINOT, Geneviève. Qu'est-ce qu'un éducommunicateur? La place de la communication dans la formation des enseignants. In: SOARES, Ismar.

Educommunication. Textos do UCIP Word Congress. Publicado pelo Núcleo de Comunicação e Educação – NCE/ECA/USP, 2004.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación.** Madrid. Ediciones de la Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** Tradução Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, José Marques de. **Os caminhos cruzados da comunicação:** política, economia e cultura. São Paulo: Paulus, 2010.

MESSIAS, Cláudio. **Dois décadas de Educomunicação:** Da crítica ao espetáculo. 2011. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Ramon. **A entrada dos computadores na Escola Pública.** Informática Educativa. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação Escolar:** Pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **Educação:** recepção midiática, aprendizagens e cidadania. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

PENTEADO, Heloisa Dupas. (Org.). **Pedagogia da comunicação:** teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

SARTORI, Ademilde Silveira. A prática Pedagógica Educomunicativa e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar. In: REGIS, Fátima *et al.* (Org.). **Tecnologias de Comunicação e Cognição.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____; SOUZA, Kamila Regina. Estilos de Aprendizagem e a Prática Pedagógica Educomunicativa na Educação Infantil: Contribuições do Desenho Animado para a Aprendizagem das Crianças Contemporâneas. **Revista Estilos de Aprendizaje**, n. 10, v. 10, oct. 2012. Disponível em: http://www.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/numero_10/lsr_10_octubre_2012.pdf. Acesso em jul./2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **A formação do educador.** 15 anos na busca de uma mais profunda relação entre o profissional da comunicação/educação e o mundo das crianças e dos adolescentes. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/169169547558321842366239420395536299206.pdf>> Acesso em jul./2014.

_____. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUZA, Kamila Regina de. **Desenhos animados e educomunicação**: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação-FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3330>. Acesso em jul./2014.

Recebido em: 22.05.2014

Aceito em: 23.11.2015

Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina, Ano 20, n.32 jan./jun. 2015.

Revista do Programa de Pós- Graduação em Educação da UFPI | ISSN 2526-8449 (Eletrônico) 1518-0743 (Impresso)